

PALAVRAS SEM RETOQUES

EDITOR RESPONSÁVEL
Wellington Souza

PRODUÇÃO EDITORIAL
Kalyne Vieira

PROJETO GRÁFICO
Wellington Souza

DIAGRAMAÇÃO
Editora Trevo

REVISÃO
Rafael Gimenez

© Lucas Assed
© Editora Trevo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A844p Assed, Lucas.

Palavras sem retoques / Lucas Assed. – 1. ed. – São Paulo : Editora Trevo, 2021.
92 p.; 14x21 cm.

ISBN 978 65 991219 2 0

1. Poemas. 2. Poesia Brasileira. 3. Versos.
I. Título. II. Assunto. III. Assed, Lucas.

20-30219015

CDD B869.91
CDU 82-1(81)

Índice para catálogo sistemático
1. Literatura Brasileira: Poesia.
2. Literatura: poesia (Brasil).

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Pedro Anizio Gomes CRB-8 8846



Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA TREVO
RUA DELMAR SOARES, 65
02635-170 SÃO PAULO – SP

atendimento@editoratrevo.com.br
EDITORATREVO.COM.BR

PALAVRAS SEM RETOQUES

**LUCAS
ASSED**

**1ª EDIÇÃO
SÃO PAULO**





À minha avó Regina Cæli, que me ensinou todas as palavras que sei, desde a primeira, que me ensinou todas as letras do alfabeto e a amar como jamais imaginei que seria possível.

Ao meu avô Paulo Roberto, meu maior exemplo, o homem de maior fibra moral que já tive o prazer de conhecer, que me segurou nos braços ainda quando recém-nascido.



“De qualquer palavra profunda todos os homens são discípulos.”

Victor Hugo

“Eterno é tudo aquilo que dura uma fração de segundo, mas com tamanha intensidade que se petrifica e nenhuma força o resgata.”

Carlos Drummond de Andrade



“Ser poeta não é sobre saber o que dizer, mas como e por que fazê-lo.”

Lucas Assed

SUMÁRIO

13	prefácio
17	Sonhei com você
19	Preâmbulos de uma jornada sem fim
21	Reflexos
23	Vento
25	Detalhes
27	O ser contínuo
29	O Floco de Neve
31	Devaneios
33	A Estrada
35	Espelho
37	Sabiá
39	As Pedras Douradas da joalheria
41	Soneto à chuva
42	Soneto às flores
43	O escultor
44	A balada da Gota d'água
45	Café
46	Tinta
47	No banco da praça
52	O sumiço de Adão
54	Fuja
56	Valsa
57	Liberdade
58	O Rondel do Navegante
59	Um prólogo chamado Saudade
60	Fragmentado
62	Tremor
64	Cinza

67	Carta ao meu eu do passado
69	A ampulheta
71	Cientista
73	O rico
74	O conto das Três Criaturas
78	Vida
79	Nome
82	À poética
84	Ponte
85	Aurora
86	A cidade deserta
89	Foi assim



PREFÁCIO

Caro leitor, a obra que está prestes a conhecer trata-se de infinitamente mais que apenas palavras bem dispostas, sonoras ou belas. Tudo aqui escrito está intrinsecamente ligado a vivências, memórias e sentimentos dos mais intensos e genuínos, que venho, por meio deste livro, proporcionar em natureza de leitura àqueles que desejarem abandonar seu invólucro cotidiano e estimular-se a pensar. Ao longo de toda a escrita, minha intenção é que haja uma interação direta entre locutor e interlocutor. Desejo, pura e simplesmente, que estas palavras transcendam seu estado de dicionário, tornem-se cada vez mais repletas de inúmeros significados e diferentes semânticas, que derivam inteiramente da expressividade e cuidado com que foram escolhidas. A leitura aqui concebida, em breve, caro leitor, ficará inteiramente clara, que, em seus propósitos, o principal é estimular a reflexão e a recuperação da paixão pelas letras, muito mais do que determinar arbitrariamente interpretações, sentidos ou caracteres específicos a elas.

Nesta peça, busquei demonstrar que, em seu decorrer, a existência pode vir a ser, muitas das vezes, ínsua; isto porque ignoramos o verdadeiro significado de elementos cruciais em nossas vidas, e até mesmo da vida em si, que varia de um indivíduo para outro. Enganamos a nós mesmos quando nosso autoconhecimento é exíguo; em certas ocasiões é preciso compreender nossas origens, antes de tentar auferir significado ao entendimento de nós mesmos.

As palavras são um meritório exemplo disso, formaram-se derivadas de dialetos nativos, miscigenações e unificação de culturas, que, quando combinados, formam possivelmente a característica mais importante de toda e qualquer etnia, o idioma.

Nossas raízes nos unem a partir de nossas diferenças e individualidades, seja fisicamente ou culturalmente. Nós, humanos, somos iguais e simultaneamente diferentes. Antes de tudo, nossas diferenças nos fazem únicos, assim como o amor e a empatia nos tornam um só organismo.

No século XVI, durante o período de ascensão do humanismo e do antropocentrismo, no qual a classe artística era extremamente detalhista, idólatra da beleza humana, havia o intuito de representá-la o mais fielmente possível. Posteriormente esse movimento foi batizado de Renascentismo. “Sem cera”, ou do original em latim, “Sine cera”, era uma das diversas técnicas utilizadas para encobrir os defeitos das obras. Consistia na aplicação de cera e lascas de pedra onde desejava-se realizar a reparação. Essa prática era extremamente repudiada, uma vez que, pelos princípios do movimento renascentista, o artista deveria, acima de tudo, refletir em sua obra a verdade que buscava dentro de si; ainda que houvesse imperfeições, a autenticidade seria incondicionalmente preservada. Essa é a expressão que deu origem à palavra que hoje conhecemos como “sincera”, e tem “sinceridade” como derivante.

Por essas razões, dentro desta obra que tenho como o feito mais importante da vida, cuja produção demandou incontáveis lágrimas e muito suor, reside o mais profundo âmago do meu eu literário. Procurei ser especialmente imagético e alegórico, a fim de expor todos os ideais aqui contidos, de tal forma que sejam os mais pessoalizados, reflexivos e tangentes à participação, tão primordial, do interlocutor neste projeto. O leitor será, fundamentalmente, parte imprescindível e indispensável da mensagem literária aqui contida. Toda a elocução inerente a essa produção foi constituída de modo que fosse factível transmitir a originalidade e prazer que a leitura provê a mim todos os dias, e proverá até seu fim. Palavras sinceras não precisam de retoques.





SONHEI COM VOCÊ

“Sonhei com você hoje”, eu disse, honesto, mas sem querer transparecer nervosismo algum, ou sinal de fraqueza. Meu desejo era que fosse trivial, normal, mas, afinal, sonhos não são normais, são? No fim todos sonhamos, de uma maneira ou de outra, o curioso dos sonhos é que você é imerso num imenso lago negro e caudaloso, profundo, que pode tanto te levar para um harmônico e lúdico oceano, ou cada vez mais fundo, onde as trevas se escondem.

No meu caso, era só um sonho, um sonho qualquer que qualquer pessoa sonha. Mas, pensando bem, não existe pessoa qualquer, e, portanto, não existe qualquer sonho. O sonho de uma criança é cheio de vida, fantasia e castelos, ou de horrores que residem na mais complexa imaginação, como o bicho-papão. O interessante, entretanto, é que vivemos um momento em que, na maioria das vezes, não nos lembramos logo após vivê-los; é um enigma, sabemos que vivemos, mas nos esquecemos deles segundos após serem vividos.

O meu sonho, no entanto, era diferente, talvez fosse mais um sonho, desses que sonhamos e nos esquecemos; não, era de fato um sonho que eu não conseguia esquecer, em que eu não poderia deixar de acreditar, de perseguir. Era um sonho real, um sonho factível, uma verossimilhança externa.

Talvez, realmente, se sonhássemos, fosse possível dar ouvidos a nós mesmos. Por isso meu sonho era diferente, era um sonho que eu podia realizar. Meu sonho era diferente porque eu sonhei com você, mas sonhei acordado.

Fiz possível a ingenuidade em meio à falta de amor, fiz possível a distinção de um só sentimento em meio a um grande caos de nossas vidas. Sonhei com você, mas não pra você. Talvez devêssemos falar o que por vezes pensamos e não temos coragem de dizer.



PREÂMBULOS DE UMA JORNADA SEM FIM

*Eu sou a tortuosa estrada sem fim
Não te acanhes
Faça de mim
O que precisares*

*Não tema o agora,
Nem o mais tardar
Preocupa-te com o teu coração
E a quem ele deseja amar*

*Pois espinhos, tenho
Nuvens trevosas
Ladeiras nebulosas
Que parecem sem final*

*Mas sem fim é só a vida
Reflita sobre o honorável
Pois acima do firmamento
Não há lugar para o abominável*

*Não temas, viajante
Vós sois meu suserano
Eu, teu vassalo,
Lapida-me como um diamante*

*Constrói-me com as pedras que desejares, pois
Dir-te-ei que todos os caminhos levam a um fim*

*Escolha o que queres,
flores ou espinhos
Pois aquilo que plantares
Também deverás colher.*

*Não te enganes com riquezas,
Mármore, rubis, adornos
e brilhantes cintilantes*

*Falsas conquistas,
Ilusões desimportantes.*

*Faça da tua vida,
nobre transeunte
A mais preciosa herança
que puderes deixar*

*Do contrário, perderá uma lição
A mais importante
Deste caminho
Que estás a passar*

*O importante não é receber,
e sim presentear.*

REFLEXOS

Era uma vez uma história. Uma história que vagava sozinha, sem um início, meio ou fim. Por vezes, chegava ao ponto de questionar-se se seria, realmente, de maneira prática e resoluta, uma história que pudesse ser contada.

Afinal, uma história digna de ser lida deve ser aquela em que nosso coração se integra com cada palavra; cada mensagem é uma descoberta, amor e ódio devem ser experimentados ao longo do curso desse enorme rio chamado por nós de imaginação.

Mas essa história vivia perdida além da compreensão de qualquer pessoa. Não podia ser contada, não por qualquer pessoa; deveria ser alguém cuja alma fosse capaz de traduzir a imensa gama de sentimentos, e diferentes nuances de pensamentos e emoções que essa história continha. Alguém que fosse capaz, antes de qualquer coisa, antes de tornar-se capaz de entoar essa história, de entendê-la.

Essa história, guardada a sete chaves no mais profundo calabouço de nossos corações, era inteligível, intocável, mas não intransmissível. Poderíamos, caso quiséssemos, alcançá-la, talvez não da forma como gostaríamos, pois sua própria forma é desconhecida, sua estrutura e origem são um mistério, e não há tradução capaz de decifrá-la.

Essa história não é contada em letras, símbolos, hieróglifos ou o que quer que seja: ela só poderia ser lida através dos sentimentos, os mais ingênuos e complexos, os mais profundos, os mesmos que foram capazes de criar essa mesma história.

Essa história tem muitos nomes e definições, quase indefinidas. Dependendo da perspectiva, um nome diferente, um protagonista diferente, não se sabe ao certo onde ela começa, nem como termina, nem se ela termina.

Essa história é nossa própria história, onde por vezes procuramos tanto, almejamos tanto, que não somos capazes nem de reconhecer nosso próprio reflexo na água, nos tornamos inócuos, sem propósito, vazios.

Finalizo com uma das melhores definições de nossa jornada interior, proposta por Arthur Schopenhauer: “A melhor de todas as maravilhas não é o conquistador do mundo, mas o dominador de si próprio”.

VENTO

*Ó vento frio,
Senhor dos mares,
Do farfalhar sombrio
De nossas árvores.*

*Zéfitro etéreo,
Monumento icônico,
Daquilo que é aéreo,
Que observamos atônitos.*

*Espírito santo és,
És a sorte em meio ao revés,
És o prazer da solidão,
Por vezes me vi em tuas mãos.*

*Triste sinfonia,
De momentos melancólicos,
Onde procuramos a sintonia,
E continuamos hiperbólicos.*

*Exagerado vento,
Abre janelas e portas,
Traz a chuva e o tormento,
As trevas mais nebulosas.*

*A tempestade consigo traz
A incandescente lança,
A esperança que jaz
De que virá a bonança.*

*Ó vento fugaz,
Nunca corri de ti!
Tua presença me faz
Ter vontade de prosseguir.*

*Como tua cabeleira,
Teus sons cantantes,
Tua presença passageira,
Tua abstração apaixonante.*

*Ó vento frio,
Sanctum da liberdade,
Temoroso calafrio
Que instiga santidade.*

*Leva-me contigo
Para longe do inverno,
Ó vento amigo!
Para junto do pai eterno.*